

JOVENS MOBILIZADORES CULTURAIS NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA-BA: UMA MICROPOLÍTICA DAS MARGENS

Denise Helena Pereira **Laranjeira** – UEFS

Mirela Figueiredo **Iriart** – UEFS

Agência Financiadora: FAPESB/CNPq

Resumo

Neste trabalho iremos apresentar os percursos de ação e de criação de quatro jovens, atuando em coletivos culturais na cidade de Feira de Santana-Ba, debatendo o papel articulador e mobilizador da arte na apropriação do espaço urbano e na construção de estratégias de engajamento social. A pesquisa de inspiração sócio-cartográfica levou em consideração os circuitos culturais juvenis, acompanhando seu movimento de dentro. Debruçamo-nos progressivamente sobre o campo da pesquisa, apreendendo diferentes cenários culturais, como o circuito da arte de rua e o circuito alternativo, protagonizados por coletivos literários, de grafiteiros, *rappers*, e artistas independentes. As relações de troca e a educação de si e do outro, via arte são aspectos importantes que estes artistas buscam realizar, promovendo mudanças sociais de baixo para cima, que denominamos de micropolítica das margens, importantes para pensarmos na porosidade das fronteiras urbanas e no “direito à cidade”.

Palavras-chaves: Culturas juvenis; fronteiras urbanas, sociabilidades; educação via arte.

JOVENS MOBILIZADORES CULTURAIS NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA-BA: UMA MICROPOLÍTICA DAS MARGENS

Nesse artigo apresentaremos percursos de ação cultural de jovens na cidade em Feira de Santana-Ba, a partir de uma pesquisa-intervenção cujo objetivo foi entender como os jovens constroem estratégias de engajamento social através da arte e como podem dialogar com a esfera pública, transformando as fronteiras urbanas.

Consideramos importante entender as culturas juvenis – em suas diversas expressões artísticas – como formas privilegiadas de se acessar os sentidos que os

jovens constroem e utilizam para ressignificar um mundo cada vez mais complexo e desafiante nos planos político, econômico, social e tecnológico. As culturas juvenis em sua pluralidade de estilos, cenários e práticas são reveladoras das formas de negociação e bricolagem que os jovens realizam na construção de suas identidades, ao transcender e resistir às categorias estruturadoras e incorporar influências, ideias e formas de pertencimento múltiplas.

Ao se relativizar as culturas juvenis em relação às diferentes formas de vivenciar a condição juvenil, como consumidores e produtores de bens materiais e simbólicos, por um lado não se nega as estruturas de disposição social e seus efeitos de massificação e por outro evidencia-se a força criativa e o engajamento social e político que daí pode advir.

A música em seus diferentes estilos (rap, rock, punk,), o breakdance, o pop coreano, o hip hop, o grafite, vem se constituindo como espaços aglutinadores, onde os jovens realizam, através de suas performances, novas apropriações e significações da cultura e do espaço urbano, realinhando as relações centro e periferia, local e global, em um exercício de autonomia (*agency*). Menos do que apropriações homogeneizadoras, pela mera incorporação das culturas globais, movimentos periféricos, como o hip hop, podem indicar processos de criação e inovação, produzidos pelos jovens como agentes culturais, dinamizando a cultura (CHO, 2015).

Segundo Canclini¹, as grandes transformações ocorridas nas últimas décadas trouxeram reflexos nas cotidianidades e sociabilidades juvenis. Para melhor avaliar tal contexto é necessário que levemos em conta duas principais mudanças e dois desafios. A primeira, relacionada às identidades, à indústria cultural, a questão da geração de empregos, a participação cidadã e a globalização. A segunda mudança, associada à construção de espaços de cooperação cultural no contexto das novas tecnologias e de organismos voltados para estimular a circulação de livros, discos, filmes, música etc. A economia recessiva mundial e o desemprego constituem-se enquanto desafios para indivíduos e instituições. Nesse cenário, em seu ponto de vista, estão presentes os seguintes paradoxos: de um lado, uma economia criativa em expansão, representada pela produção e consumo no campo artístico-cultural e tecnológico, e de outro, a

¹ Conferência proferida no dia 25/10/2013 no Teatro ISBA, em Salvador, Bahia, durante o Fórum do Pensamento Crítico.

precariedade social, marcada pela situação de intermitência e descontinuidade na inserção profissional.

Na expressão de Francisco Cruces (2012), os jovens ao contrário de deixarem-se subjugar a uma dada ordem, podem ser agenciadores frente às suas necessidades e circunstâncias. É desta forma que interpretamos a atuação – no sentido instituinte – de alguns dos jovens em seus respectivos grupos e/ou coletivos culturais na cidade de Feira de Santana, Bahia. Se “a cultura hegemônica é bem mais de exclusão que de inclusão” (PAIS, 2010, p. 166), a cultura que acontece à margem dos cânones instituídos vem proliferando nos centros e periferias das cidades e municípios circunvizinhos, demarcando o sentido de inclusão e de busca de reconhecimento.

Nas culturas urbanas, múltiplas são as redes tecidas pelos jovens, mesmo que em sua intermitência e fluidez. As linguagens e atores se interpenetram, podem estar em um ou outro movimento. A música parece ter um papel intenso neste fluxo que atravessa fronteiras, onde se misturam ou agregam o grafite, a poesia, o hip hop etc. A ocupação dos espaços para além daqueles restritos aos bairros onde moram, vem representar um "alargamento no horizonte social dos jovens [...] pelas redes de sociabilidade que os integram à cidade" (ZALUAR, 1994, p. 65).

São nas formas de apropriação significativas da paisagem da cidade, construindo redes de sociabilidade e dinamizando espaços muitas vezes marginais em relação ao centro do poder econômico das metrópoles globalizadas, que os jovens estabelecem “formas de estar com o outro e de ser para o outro” (SIMMEL, 2006, p. 60). Entre os sujeitos contatados durante a pesquisa, é exatamente essa perspectiva de “sensibilidade social” (TODOROV, 1996), associada a um processo formativo que reverbera nas transformações de si e do meio.

O estudo sobre as culturas juvenis a partir da noção de circuitos de consumo, produção e difusão cultural considera elementos sociais, espaciais e intersubjetivos na compreensão das dinâmicas de apropriação, resignificação e resistência cultural juvenil, contemporaneamente. Essa forma de agrupamento juvenil, fluida e em movimento, potencializa o capital social e comunicativo dos jovens na relação intergrupala e geracional, sobretudo se levarmos em consideração a carência de espaços públicos que visibilizem a ação juvenil (JONES, 2009).

Considerações metodológicas

Inspirada na cartografia social, a pesquisa-intervenção levou em consideração os circuitos culturais juvenis como formas de apropriação significativas da cultura e do espaço urbano, o que implicou em considerar os processos interativos, acompanhando as dinâmicas do campo e seus reordenamentos subjetivos, de dentro (*outside-in e inside-out*) (MacRAE, 2007). Ou seja, buscou-se uma observação ativa das práticas e um entendimento dos valores e significações produzidas pelos sujeitos a partir das suas perspectivas e posicionamentos na relação transformadora entre pesquisadoras-participantes.

A cidade onde o estudo está sendo realizado é Feira de Santana. É o segundo município mais populoso do Estado da Bahia, com aproximadamente 600.000 habitantes e um dos mais importantes polos comerciais do nordeste brasileiro. Possui também significativo parque industrial, que tem vivido um novo momento de desenvolvimento após um declínio acentuado nos anos 1990 e 2000. Como a maioria dos grandes centros urbanos brasileiros apresenta problemas sociais significativos como violência, desemprego, dentre várias formas de exclusão social. Mesmo com demanda crescente por mão de obra especializada, Feira de Santana apresenta grandes limites na oferta de formação profissionalizante, gerando um extenso contingente de jovens excluídos da possibilidade de inserção social e profissional mais efetiva. Assim como a maioria das cidades do seu porte, o município possui diversos problemas, a exemplo da infraestrutura urbana precária e da limitada oferta de serviços públicos em áreas essenciais como a saúde, o transporte, a segurança, o lazer e a educação.

Não há registro de estudos que mapeiem e discutam de forma mais ampla e consistente a vida cultural da cidade. As limitadas opções de lazer e os reduzidos espaços de encontro com sujeitos de faixa etária semelhante configuram-se como entraves na construção de redes sociais mais expressivas para a população juvenil da cidade.

Debruçamo-nos progressivamente sobre o campo da pesquisa, tangenciando aspectos dos cenários culturais feirenses, como o circuito da arte de rua e o circuito alternativo, protagonizados por coletivos literários, de grafiteiros, *rappers*, e artistas independentes, como agenciadores culturais que podem promover transformações na paisagem urbana, nas dimensões ética, estética e política.

Os jovens foram selecionados a partir do mapeamento inicial dos grupos que atuavam na cidade e convidados para grupos de diálogo, objetivando discutir a sua relação com a cidade, o papel da arte e as formas de mobilização e participação juvenil. Pela importância da sua atuação na cena cultural de Feira de Santana, foram convidados em um segundo momento, a participarem de entrevistas narrativas, agendadas em local escolhido por eles, dada a sua significância com as suas histórias de vida. A imersão em contextos que nos aproximaram dos cotidianos desses jovens foi crucial para uma apreensão inventiva e dinâmica dos seus modos de ser.

Como os jovens se veem ao transitarem e escreverem os espaços da cidade, ao utilizarem seus equipamentos, estabelecerem encontros e trocas na esfera pública e o significado político, ético e estético das suas práticas culturais, constituíram-se questões e ancoragens deste estudo.

Concordando com Carrano, e a partir de nossas “deambulações” e da pesquisa-intervenção, notamos que os jovens “elaboram territórios que passam a ser a extensão de seus corpos”. A calçada de um bar pode ser transformada em palco para apresentação de grupos de hip hop e DJs ou tribuna para exposição de idéias relacionadas ao campo da arte, da cultura e da política local. Um terreno baldio, também pelas ações reivindicatórias juvenis, resulta em uma pista de skate, assim como um antigo mercado pode vir-a-ser ocupado com fins socioculturais. Um muro borrado com propaganda de um candidato a deputado federal é sobreposto com imagens dos grafiteiros.

Através das narrativas de quatro jovens lideranças, iremos apresentar os seus percursos de ação e de criação e seus entrelaçamentos, debatendo o papel articulador e mobilizador da arte e da cultura na apropriação do espaço urbano e na construção de estratégias de participação e engajamento social.

Jovens dinamizando a cena cultural: uma (re) construção biográfica?

Os percursos de ação serão tomados como unidade de análise na compreensão dos modos como os jovens articulam processos de criação e ativismo cultural na construção de trajetórias biográficas. Interessa-nos compreender estes percursos como espaços potenciais, importantes na expansão de recursos do self e na ampliação do capital social e cultural juvenil, que podem produzir mudanças sociais desde as margens.

Observamos a emergência de pelos menos dois circuitos construídos pelos jovens artistas: o circuito da arte de rua, em que jovens de periferia, mesclando música e grafite, têm feito intervenções sociais em suas comunidades de origem, buscando um empoderamento de dentro, primeiramente pelo reconhecimento local, fortalecendo a convivência grupal como forma de pertencimento social significativo. O compartilhamento de experiências e as redes de amizade são aspectos vitais na construção destes circuitos, que mesclam arte, discurso político e intervenção comunitária, contrastantes com o individualismo e a competição.

Assim, o Grupo H2F (Feira Hip Hop) liderado pelo MC Léo Z e o Coletivo Vozes buscam uma intervenção cultural que afete outros jovens por meio da arte, revestida de compromisso político, como a denúncia da violência e do extermínio de jovens negros. Através do grafite, o artista de rua, Kbça Grafite, vem transformando paisagens urbanas através da força da sua ação e da beleza do seu traço, num movimento de estetização da cidade. Assim como Ivan Coelho, que também transforma com suas cores os espaços cinzas da cidade. Esta é uma juventude que produz cultura, que canta, escreve e recita poesia e intervém no espaço urbano.

Outro circuito que conseguimos mapear foi o circuito de arte alternativa e de artistas independentes. O termo alternativo surge neste caso com significado mais intelectual, opondo-se à cultura de massa, na formação de plateias com novas sensibilidades estéticas, como a poesia erótica, os eventos multiartísticos, com diferentes linguagens, fortalecendo artistas emergentes. Um circuito independente, que busca ocupar e tomar posse de espaços culturais e recriar espaços urbanos em busca da ampliação de possibilidades estéticas na interação com a cidade.

Neste circuito alternativo o Coletivo literário DiaboA4 atua promovendo intervenções poéticas e lançamentos de livros na cidade, movimentando o cenário cultural, por uma de suas lideranças, Larissa Rodrigues

A poesia independente na sua potencialidade discursiva

Larissa Rodrigues, 28 anos, é mulher, preta, professora e poeta, como se caracteriza. Encontramo-nos no Museu de Arte Contemporânea (MAC), local sugerido por ela para a realização da entrevista, pela sua vinculação com este espaço cultural, que vem apoiando eventos e artistas independentes da cidade.

Larissa Rodrigues, Will Fialho e Henrique Sampaio compõem o Coletivo DiaboA4 que atua como editora independente de poesia, promovendo intervenções

poéticas e lançamentos de livros na cidade, visando movimentar o cenário cultural, como forças que se organizam por baixo e nas margens, forjando espaços onde a palavra, o traço, o movimento, formas de manifestação artísticas diversas, circulam.

Sobre sua atuação no coletivo literário, conta do começo da sua inquietação poética, ainda na adolescência, e depois, enquanto acadêmica no curso de Letras de uma universidade pública. A estreia como coletivo literário ocorreu com o lançamento de uma antologia de poesia erótica em forma de livreto (em 2012), com intervenções e ocupações na cidade e da produção em rede, através da integração de linguagens e de artistas independentes em eventos alternativos. Em seguida, uma segunda publicação, também em forma de antologia poética foi produzida colaborativamente com a participação de poetas locais cuja inquietação-tema foi sobre a “Cidade”. Lançado em 2013, no MAC, durante o evento multiartístico *In.verso* que reuniu poesia, vídeo, dança e música, suprimindo, segundo Larissa, suprimindo uma lacuna de festivais dessa natureza na cidade.

O evento contou com a participação de poetas veteranos que já militavam na cidade nos anos de 1970, fazendo a artista refletir retrospectivamente sobre qual a militância da sua geração hoje:

O que a gente tá fazendo não é novo, que eles já faziam naquela época. A diferença é como a gente tá enxergando isso hoje, como a gente sente isso de outra maneira hoje (...)

Eu acho que o que tá acontecendo com essa geração, da qual eu faço parte, é a gente tomando posse, de fato, do nosso espaço e criando mais espaço, porque à medida que você deseja a formação desse público, você abre espaço pra que ele pise nesse território também (...)

Ao longo da nossa conversa, cujo foco principal foi sobre o papel da arte e da mobilização cultural que vem realizando por meio da poesia, Larissa revela a necessidade de interagir com a cidade através de sua escrita poética e, mais radicalmente, pelo ativismo cultural, ampliando as possibilidades estéticas, para além das quais as pessoas vivenciam cotidianamente:

Acho que o principal desejo da gente, o desejo mais voraz é formar público. Juro. Não é aquilo: Olha, diabo A4 que lançou

um livro ano retrasado sobre poesia erótica, coisas pornográficas, coisas que não são tão comuns aqui em Feira. Olha Diabo A4, que promoveu um festival de artes integradas, só pra lançar o livro deles, sabe? Isso eu acho que são passos que a gente faz pra chamar a atenção do público, só pra que a gente venha aqui e encontre alunos de escola particular, por exemplo.

É também como professora de literatura que projeta o alcance da sua ação. Através da poesia em sala de aula, produzindo reflexão por meio da palavra, Larissa pensa que os estudantes podem (des)alienar-se e recuperarem um discurso próprio.

São essas ressonâncias que Larissa sinaliza quando descreve a sua atuação não estritamente como artista, mas como mobilizadora na cena cultural da cidade, propondo espaços alternativos ao *mainstream*, que potencializem a formação do olhar do espectador com novas sensibilidades. Sua atuação ganha também um alcance político, quando a arte oferece acesso a uma reflexividade que desloca o sujeito da posição de espectador passivo, para a de co-autor. Isto se dá quando, segundo Larissa, “o poema causa riso, causa uma discussão”.

Quanto ao papel da arte e da mobilização cultural para ela é um papel de formação, de acesso à informação política, cultural e estética.

Os desafios não são poucos, sobretudo quando se refere à falta de financiamento e à preocupação de cada artista com seu ganha pão, já que não conseguem viver exclusivamente da arte, como reflete:

É trabalhando e fazendo projeto e lendo edital e um informando o outro, um formando o outro, faz um evento, ensaia uma coisa.... é desse jeito que acontece (...)

Qual é o artista que vive do seu dinheiro que não seja da cultura de massas? É muito difícil.

Embora reconheça que já existe uma rede colaborativa que produz e divulga eventos, criando espaços para jovens artistas, esta rede precisa ampliar sua circularidade, sobretudo alimentando a articulação com grupos que atuam em circuitos mais periféricos. Larissa refere-se ao H2F, por exemplo, que militam nos seus bairros de origem e têm pouca circularidade por outros espaços mais centrais, ou mais elitizados, como ela mesmo pontua.

O avanço da tecnologia e da comunicação digital, também, é avaliado por ela, como tendo um impacto significativo no trabalho e divulgação de artistas emergentes:

(...) o papel das redes sociais, das mídias sociais de um modo geral pra ajudar a gente nesse meio é bem mais avançado. Antigamente, como é que você ia fazer pra explicar que ia ter (...) Porque a maneira de comunicar isso é muito mais fácil.

O que Larissa projeta para o futuro é um período de maior abertura e consolidação de projetos culturais, com a emergência de políticas públicas de incentivo e através da atuação no Conselho de Cultura da cidade de Feira de Santana, da qual faz parte como suplente na cadeira de Literatura. Com uma nova formação e renovação de antigos conselheiros, espera que o Conselho opere como um sistema menos viciado e que fortaleça a ação dos pequenos grupos e coletivos emergentes. Ao longo do ano de 2014 estiveram mobilizados para escrever o texto que fará parte do Plano Municipal de Cultura para os próximos dez anos.

Aí a gente entra nesse processo como aqueles que vão de fato construir o texto desse processo. Que é um texto que vai durar por dez anos. Então é uma responsabilidade absurda!

Reconhece o momento histórico em que a cidade está vivendo e da responsabilidade na tomada de posse de um espaço político, onde poderão desenvolver novos recursos discursivos e de ação mais consistentes, que encerramos a nossa conversa.

Ocupando a rua e integrando-se à cidade

Geziel Ramos, ou Kbça Grafite, tem 25 anos, mora no Conjunto Habitacional Fraternidade², e se considera um artista independente. Marcamos o encontro com Kbça em um sábado pela manhã na praça central do Conjunto Habitacional Feira VII, próximo ao mercado municipal antigo e à pista de skate, espaços que vêm sendo apropriados pelos jovens dos bairros adjacentes, produzindo grafite e realizando

² Os Conjuntos Habitacionais citados, criados na década de 90, são limítrofes e situados no Bairro Tomba, um dos mais populosos do município. No plano urbanístico, estes Conjuntos sofrem de extrema carência de equipamentos públicos, inclusive saneamento básico. O bairro é caracterizado pelo comércio, núcleo industrial e uma feira livre. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tomba_%28Feira_de_Santana%29.

eventos. O bairro chama a atenção não só pelos casos de violência, divulgados pela mídia e relatados pelo jovem, mas sobretudo pelo potencial criativo e cultural de alguns de seus moradores.

Minha faculdade, tem 3 letras RUA! nela aprendi a ser humilde, a doar sem esperar receber nada em troca, aprendi a ser flexível, aprendi a ouvir, a ajudar, a ser uma pessoa muito melhor a dar valor as pequenas coisas que muita vez passa despercebidas, descobrir que tenho uma grande família, aprendi que somos loucos e somos felizes! (KBça Grafite, dezembro 2014, facebook, editado pela pesquisadora)

Kbça aprendeu a grafitar na adolescência, quando conciliou seu talento no desenho com a oportunidade que encontrou para desenvolver habilidades com as latinas de *spray* nos muros da cidade. Participa do coletivo NDF (Nós de Feira), o que considera ser a sua motivação enquanto artista de rua.

O contato com jovens nos bairros periféricos onde realiza suas intervenções se tornaram um grande estímulo para continuar em sua trajetória de grafiteiro, e também como arte educador. Ele diz enxergar um papel social forte em seu trabalho, já que seus desenhos geralmente abordam temas referentes à cidade e à liberdade.

Na sua trajetória pessoal, revela que a arte surge como uma necessidade criativa, ainda na infância, quando era considerado hiperativo. Primeiro através do desenho, quando sentava na frente da TV e desenhava os personagens animados e em seguida quando “descobriu” uma revista de grafite e, segundo ele, não parou mais. A descoberta do grafite como forma de expressão e transformação pessoal e social, envolveu também o encontro com um outro artista que o apadrinhou. A inspiração vinha do que via e sentia na sua relação com o espaço urbano, na periferia, na pista de skate, junto aos “brothers”, amigos que começaram pintando junto com ele e hoje já não pintam mais, por que o trabalho como artista independente não era rentável.

Como morador da periferia, ele sabe muito bem a realidade dos jovens que vivem assediados pelo tráfico, pela promessa de remuneração fácil e tenta mostrar que com a arte novos campos de possibilidades engendram-se, oferecendo novas ancoragens para os sujeitos (re)significarem seus trajetos e potencializarem sua identidade social.

Eu moro em bairro periférico, eu sei qual é a realidade. Na verdade, a gente não pode fugir disso, que quem são os salvadores da pátria são os traficantes que tão lá, ostentando e ganhando dinheiro no fácil. Então, eu procuro mostrar pra eles que tem outras soluções, que tem outras saídas. Que o fato de ele ser um morador periférico não faz ele menor, que ele pode ser o que ele quer e correr atrás da onda dele.

“Mas qual é o nosso papel? “Com essa questão, o jovem reflete sobre a importância da arte como potencialidade de encontro com o outro e de multiplicação de um discurso emancipatório e contestatório:

(...) É passar uma mensagem pra essa gurizada que tá passando ali e fala “porra velho, os caras poderiam tá enchendo a cara aí, poderiam tá fazendo a porra toda, mas os caras tão ali, pintando, sem ganhar nada”. É o guri que para e fala “porra, eu gosto de desenhar, como é que eu faço isso?” Então, eu acho que o lance é a multiplicação.

A arte surge então, como um escape para que o jovem veja que através dela há possibilidades de crescer e ir além.

A ideia de tá na rua é isso aí, como a gente tava conversando, que a gente pode fazer, pode transformar, que é o papel do grafite é a transformação. Não só a transformação estética, como a transformação social.

Revisitando Canclini, entendemos o grafite, enquanto fusão de linguagens, como meio sincrético e transcultural de fusão à cidade, sobrepondo-se em muros, monumentos, cartazes, de modo marginal ou desinstitucionalizado, desfigurando e reescrevendo a relação público e privado. As relações culturais ocupam, segundo o autor, um lugar proeminente no desenvolvimento político, pela obliquidade dos circuitos simbólicos, que permite repensar vínculos entre cultura e poder e as fronteiras entre territórios.

Sobre sua arte, KBça diz que não gostaria de estar preso em um museu e que sua exposição está na rua. A forma como o artista se apropria da cidade e nela integra-se é

através do grafite. Sem os muros das galerias e dos museus, sente-se livre para explorar espaços vazios, periféricos ou não:

Quanto mais eu tô pintando, mais eu tô mostrando que tô produzindo. E eu tento fugir um pouco desse lance e mostrar pra galera que eu não preciso estar preso dentro de um museu.

Desta forma, sente-se participando da cidade, remetendo-nos ao sentido amplo de cidadania trazido por Pais (2005) e Miller (2013), quando para além do seu sentido democrático, hegemônico, podemos pensar numa cidadania das diferenças, da multiplicidade étnica, artística, geográfica, na apropriação cultural significativa, transformada em capital simbólico e social, ao permitir também maior circularidade e trocas.

Desenhando-se por entre os muros, abrindo novos horizontes

Ivan Coelho, 22 anos, mora no bairro Feira VII e participa do Movimento Coletivo Vozes. Encontramo-nos na praça em frente à escola em que ele estuda. Ele vem de skate, do trabalho para a escola noturna. Decidimos entrar com ele no pátio da escola, aproveitando o intervalo que ele teria antes de iniciar a terceira jornada do dia.

Após três anos afastado da escola, durante um período em que ele julga ter refletido sobre sua vida, retomou os estudos e agora cursa o 1º ano do Ensino Médio em um Colégio Estadual. Em seu bairro, Ivan realiza com o Movimento Coletivo Vozes, algumas intervenções culturais como a exibição de filmes e documentários, seguidos de discussões e outras ações de integração cultural, com o hip hop e o grafite. As intervenções realizadas pelo grupo pretendem atingir a comunidade onde mora, possibilitando espaços de reflexão e de lazer, que segundo ele, é uma das carências do local.

Sobre sua relação com a arte, Ivan diz “*ela me norteou, me deu uma referência*”. Em seus grafites a intenção é a de deixar uma mensagem na rua, para que as pessoas possam ser confrontadas com aquilo e reflitam. O jovem vê na arte um elemento de transformação e demonstra interesse em trabalhar, além da própria produção artística, num processo de formação de outros jovens, mostrando outros caminhos e possibilidades.

(...) uma opinião que eu posso avaliar é que para o grafite as portas têm se aberto. A discriminação já não é tão grande.

Antes, quando nos viam com uma lata de tinta na mão já ocorria um grande preconceito. Hoje as pessoas já param, perguntam, se mostram curiosas. Teve um dia que a gente estava pintando aqui, um rapaz desceu de uma viatura, aí um morador falou “não, aí não tem problema não, o rapaz tá pintando, é uma intervenção artística(...)

Acredita, assim como outros artistas da sua geração, na possibilidade de proliferação e (re)ocupação do espaço urbano via arte, como resgate e alternativa à criminalidade, por exemplo.

Ela [a arte] tem um papel de resgate, um papel social, um papel didático. E eu acho que a falta de ocupação é o que leva realmente à criminalidade, a falta de opção.

E você vê que a arte, ela tem esse poder de chamar “venha! Acorde.” Entendeu? É por isso que a gente tem essa preocupação de estar formando através da arte, porque ela tem esse poder e é forte.

Como linguagem, o grafite transfigura a palavra em imagem e ato. Como processo criativo, Ivan revela que expressa o que pensa e sente por meio do desenho, primeiro no papel, depois para a parede, já que não é bom com a escrita.

Como projeção, Ivan pensa em poder continuar financiando sua arte, sem deixar de sonhar com a transformação do espaço urbano, do seu bairro e dos jovens. Pensa em concorrer a editais de cultura, na realização de projetos como a recuperação do antigo mercado em um Centro de cultura e lazer, reconfigurando a paisagem do bairro, democratizando o acesso à cultura e ampliando as potencialidades artísticas dos jovens.

Eu quero financiar minha arte, aumentando a formação do público e também com esse despertar social, sempre provocando alguma reflexão, pra provocar um despertar, entendeu? Tento fazer isso, levando sempre a mensagem.

O hip hop é a família da rua

Chegando no Conjunto Fraternidade sentimos falta de uma praça, ou de lugares que favorecessem os encontros no espaço público. As ruas sem asfalto e todas elas são denominadas por Salmos bíblicos.

Nascido e criado no Conjunto Habitacional Fraternidade, Leandro Lima ou Léo EZ, 27 anos, nos conta que tem morado provisoriamente num bairro vizinho enquanto termina de construir sua casa, na mesma vizinhança onde cresceu, o lugar pelo qual nutre um grande afeto. Elegeu a casa dos pais para a entrevista por estar no lugar onde fez amigos e no qual exerce sua militância. Logo mais, na noite daquela segunda-feira, iria encontrar com seu grupo de amigos para uma partida de basquete em uma quadra do bairro. Parece que é neste espaço que fazem seus eventos, musicais e de dança reunindo crianças e jovens.

Léo orgulha-se por ter tido orientação evangélica repassada pelos pais. “Sou um rapaz bom filho e comecei trabalhando cedo”. Nos diz que foi na rua que fez amigos, acrescentando um discurso político sobre a condição dos negros na sociedade e do lugar que ocupam, do outro lado da ponte que os separa dos bem nascidos.

Minha história pessoal... Não é diferente da história de muitas pessoas que são negras nesse país afrodescendente e que é parecida a história de muitas dessas pessoas. Pelo fato do brasileiro, ou melhor, do povo negro não ter tido a indenização pelo trabalho escravo, as pessoas foram morando justamente, mais afastadas dos centros né? É onde a gente veio parar, no Fraternidade, mais longe da elite, mais longe da badalação dos mercados, dos bancos, das grandes avenidas. Então, eu me sinto assim, com um descendente dessa história né?

Como trabalhador remunerado, Léo está envolvido em duas atividades distintas: agente de portaria e arte-educador numa instituição para adolescentes infratores.

Outro trabalho, é de cunho estético, social e político e acontece tanto no esporte quanto no/pelo hip hop e rap. Ele é um reconhecido MC e presidente da Associação H2F. Assim, sua inserção afetiva, política e artística no bairro e na cidade tem um sentido de emancipação e de mudança, nas condições precárias e de risco a que são submetidos crianças e jovens.

O contato com o hip hop pela primeira vez, foi quando escutou o CD “Sobrevivendo no inferno”, dos Racionais Mc's, trazido por um amigo vindo de São

Paulo. Sentiu que foi definitivo para ele ouvir este CD, grande identidade com a situação de vida dura, difícil. “Descobri que a música tinha a ver comigo”. As letras tratando dos homicídios, assassinatos de jovens negros, a polícia, as drogas, enfim a violência que também atingia os jovens dos bairros”.

Eu cresci vendo muita coisa né? De errado, principalmente na criminalidade, na escola, na saúde, na educação e em muita coisa. E um dos pontos pra minha virada, pra essa ideia cultural, pra o que eu realmente sou hoje, um dos pontos principais foi justamente o rap (...) Então a virada da minha vida pra uma mudança foi justamente quando eu ouvi rap a primeira vez, que eu caí na real de que eu tava sobrevivendo no inferno.

Léo é um dos principais criadores do grupo de rap Efeito Zumbi (2000) que tem um papel de contestação, reflexão e intervenção social, com forte cunho político. Em suas letras, como na maioria dos grupos de rap do país, estão presentes a realidade de quem mora na região suburbana da cidade e a consciência de uma condição social desigual. Tratam da discriminação racial e da violência sofrida sobretudo pelos jovens negros. Na música “Batalha Imortal”³, do EP 2010 *Efeito Zumbi*, o grupo demonstra tais dificuldades:

A mesma munição/ usada na canção/ reflete pra nação/ uma ato de opinião/ mensalão corrupção/ assolar nossa nação/ sem distribuição/ o meu povo vive em vão/ Saneamento por aqui é coisa séria/ o esgoto a céu aberto/ família na miséria (...).

Só quero igualdade para comer, vestir/ oportunidade para estudar/ passar no vestibular (...)

Tem que aumentar investimento, saúde, educação (...)

Liberdade, igualdade/ acabar com a impunidade (...)

Com uma participação política consolidada no cenário do *Hip Hop* em Feira de Santana, o *Efeito Zumbi* tenta desenvolver projetos nas áreas culturais e sociais em diferentes pontos da cidade, incluindo os bairros periféricos, marcados pela ausência de equipamentos culturais e esportivos, além de estigmatizados pela mídia. O custeio das

³ Ver: www.soundcloud.com/efeitozumbi/compras

apresentações e produções musicais, normalmente, cabem aos próprios sujeitos participantes dos grupos de hip hop. Diz Léo que “é num ‘corre’ [iniciativa pessoal] (...) pra fazer som em Feira (...) a gente se lasca, é na raça! (...). As redes sociais e de amigos são fundamentais na divulgação”.

A grande luta do grupo *Efeito Zumbi* é obter apoio financeiro para o desenvolvimento de seus projetos, tanto na área social como musical. O último projeto pensado por eles e por outros grupos de hip hop foi a formação de uma associação que articulasse esses grupos em Feira de Santana, a fim de desenvolver trabalhos com a comunidade, prestar serviços educativos às crianças, montar oficinas e difundir o hip hop na cidade. Para Léo, “o Efeito Zumbi junto com o H2F” batalham para conseguir “fazer alguma coisa diferente na cidade”. A ideia é “juntar e criar novos MC’s (...) criar jovens com esse pensamento [de inclusão social, contestação...] É afastar a criançada do crime”.

Na visão de Léo, o espaço escolar, apesar dos problemas enfrentados pela educação pública, lhe proporcionou experiências culturais e políticas capazes de mudar suas posturas e valores. Foi a partir da escola que Léo estabeleceu laços afetivos consistentes, aproximando-se de outros jovens que acabaram influenciando na sua formação musical, política e na inserção no hip hop:

Na escola teve o hip hop (...) Porque na escola, foi onde eu tive os maiores influenciadores pra a música hoje que eu curto e que eu faço e que tá viva em mim. Foi nessa escola que eu tive o primeiro contato com música de gueto, música rap, música reggae, samba.

“Periferia é periferia em qualquer lugar”

Segundo Léo, existe uma “cultura produtiva na periferia”, existem talentos desconhecidos, como também existe o desejo de um país melhor. A arte como educação e dimensão política, no sentido combativo, seria um dos caminhos em sua opinião. Ainda vigoram preconceitos, os governos, afirma, limitam a participação desta arte que vem da periferia. Mas “não paramos de cobrar” do governo municipal, como também buscam inscrever-se nos editais de apoio à Cultura.

Para Léo, a “família da rua é a do hip hop”, que tem um quê de afetivo e pedagógico, ao oferecer “conhecimento e educação”. O hip hop está presente em sua

vida desde os 16, 17 anos. Em sua opinião é uma “válvula de escape” e uma “terapia do amor”, com poderes amplos de integração social em meio à “falta de paz” e à violência.

Os amigos, sua “segunda família”, estão no hip hop e o “reconhecimento tem que ser de onde você está”. Assim é o Conjunto Fraternidade, para Léo, a raiz, a seiva de sua história e de seus diferentes ciclos de vida.

Um futuro melhor passaria, em sua opinião, pela educação. “Vivemos uma guerra, muitas pessoas morrem com o crime, arma de fogo”. Busca e quer “ser feliz agora”.

Percebemos que os circuitos culturais construídos pelos jovens, através de redes de sociabilidade não seguem uma forma de organização muito convencional ou prescritiva, mas são fruto do desejo e da ação espontânea de grupos e lideranças, apostando nas relações de amizade, que são fundamentais para que projetos culturais aconteçam na periferia, por exemplo. Convocando “a galera,” vão realizando ações, em meio à cotidianidade da vida, em que pese a necessidade do próprio sustento e do financiamento da própria arte, em uma cidade marcadamente comercial e voltada para os eventos com grande público.

Os percursos de Larissa, Kbça, Coelho e Léo Z cruzam-se em alguns aspectos, tanto enquanto experiências coletivas, como estratégia de pertencimento e de ocupação da cidade, quanto em relação a suas singularidades, impulsionados por motivações e desejos de transformação social, formação de si e do outro, a partir da necessidade de manifestação artística. Embora em suas diferenças - escolaridade, gênero e contexto social - estes jovens traçam ações em paralelo, na porosidade dos espaços e em suas margens nas bordas, promovendo mudanças sociais que denominamos micropolítica das margens.

O papel formador e a educação de si via arte

As expressões culturais (música, teatro, literatura, artes visuais) produzem um espaço simbólico, cuja dimensão estética e formativa projeta-se numa dimensão política pela sua porosidade. Neste ponto, apoiamo-nos na ideia de resistência cultural, desenvolvida por Duncombe (2002), quando o autor sinaliza para a importância de compreendermos as formas como grupos, coletivos e indivíduos dinamicamente transformam o sistema cultural (comportamentos, normas, linguagens, bens), transformando as estruturas sociais, políticas, econômicas, ao desenvolverem recursos e estratégias de resistência, mais ou menos conscientes.

Acompanhando Pais (2005), deve-se reconhecer nas culturas juvenis, “formas reativas de instituir expressões mais libertárias de existência, nas margens da cultura hegemônica, como território de crítica aos poderes estabelecidos” ou ainda no sentido de fazer valer e expor “formas de pertencimento menos normativas” que expressam o “direito à diferença”.

Vimos como redes de sociabilidade se tramam em espaços não convencionais, ocupam espaços públicos, nas ruas, nas praças ou subvertem espaços convencionais como a escola, ampliando as experiências estéticas e a emergência de novas sensibilidades na formação de plateia e no encontro com o outro, quando a arte convoca o espectador como autor/ator.

As relações de troca e a educação nos espaços escolares e não escolares, via arte são pontes importantes que estes artistas buscam realizar junto a diferentes públicos. São espaços democráticos que podem viabilizar o acesso e circulação de pessoas de diferentes classes, gêneros, etnias, gostos e estilos. Tais formas de apropriação e recriação da cultura são elementos contemporâneos importantes para pesarmos na mobilidade, circularidade e porosidade das fronteiras urbanas e no “direito à cidade”. Direito esse, como diz Milton Santos (2002), “inalienável” a cada cidadão e cidadã, independentemente do lugar onde se encontre, e extensivo de maneira concreta ao acesso a bens e serviços fundamentais à dignidade da vida humana.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, N. G. Introducción. De la cultura postindustrial a las estrategias de los jóvenes. In: CANCLINI, N.G. CRUCES, F.; POZO, M. U. Castro (orgs.) **Jóvenes, cultura urbana y redes digitales**. Prácticas emergentes en las artes, las editoriales y la música. Madri: Fundación Telefonica; Barcelona: Editorial Ariel S.A, 2012.p.3-23.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Territórios juvenis. Disponível em <<http://www.blogacesso.com.br/?p=110%E2%80%99>>. Acesso em: 20 mar.2015.

CHO, Glorya. Hiplife, Cultural Agency and Youth Counter-Public in the Ghanaian Public Sphere. *Journal of Asian and African Studies*, 2010, v.45(4) p.406-423.

DUNCOMBE, S.. **Cultural Resistance Reader**. Londres/Nova York: Verso. 2002. p. 182-192.

JONES, Gill. **Youth**. Cambridge: Polity Press. 2009.

MacRAE, RHODA. 'Insider' and 'outsider' issues in youth research. In: HODKINSON, Paul and DEICKE, Wolfgang, . *Youth Cultures: scenes, subcultures and tribes*. Oxon: Routledge. 2007, p.51-61.

MILLER, T. Cidadania Cultural. **Matrizes**. n. 02; jan/jun. p.57-74, 2011.

PAIS, José Machado. Jovens e Cidadania. **Sociologia: Problemas e Práticas**. n. 49. 2005. p. 53-70.

_____. **Lufa-Lufa Quotidiana**: Ensaio sobre cidade, cultura e vida urbana. 1. ed. Lisboa: ICS- Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 6^a. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **A vida em comum**: ensaio de antropologia geral. Trad. Denise Bottmann e Eleonora Bottmann. 1^a. ed. São Paulo: Papyrus Editora, 1996. (Coleção Travessia do Século).

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao Paraíso**. 1^a. ed. São Paulo: Editora Escuta; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas.